



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **A IGREJA DE S. FRANCISCO.**

CALDAS, Ferreira

Ano: 1884 | Número: 1

---

### **Como citar este documento:**

CALDAS, Ferreira, A igreja de S. Francisco. *Revista de Guimarães*, 1 (3) Jul.-Set. 1884, p. 127-129.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## A IGREJA DE S. FRANCISCO

Quer alguém, e d'authoridade muito respeitavel, que esta igreja fosse em tempo dividida por tres naves; todavia, aca-tando muito a opinião dos mestres, quer-nos parecer que tal asserção só tem por fundamento as prescripções da arte, que no caso posto as aconselhava apenas.

A nosso vêr taes naves nunca existiram, e algumas razões, que apresentaremos dispersas, como as achamos, parecem dar fundado motivo á nossa negativa.

Vejamos.

A capella-mór, decorada com as armas d'el-rei D. João I, é sem duvida fundação do seculo xv. N'esta época não havia ainda nem sequer a intenção de dividir a igreja em tres naves, porque sendo a mesma capella-mór rasgada em toda a volta por sete grandes janellões, que desciam quasi até o socco, estorvava sem duvida qualquer construcção, que quizessem encostar-lhe e portanto não dava logar ás capellas absidaes indispensaveis para o termo das naves respectivas, segundo a praxe.

Estas capellas, levantadas posteriormente, pois que vieram inutilisar dous dos formosos janellões, construidas por devoção e iniciativa particular, de architectura diversa e de época provavelmente diversa, nunca visaram ao seguimento das naves;

e leva-nos a crêr isto, além d'outras razões, a differença da abertura dos seus respectivos arcos, medindo o da capella norte 3<sup>m</sup>,47, ao passo que o do sul mede 2<sup>m</sup>,82, diff. 0<sup>m</sup>,65, e é de presumir que tal irregularidade não se daria, quando estas capellas fossem destinadas para alinhar com naves regulares.

Mas quando estas existissem um dia, não seria natural, que d'esse grande esqueleto, depois desconjunctado, nos restasse ainda um ou outro osso? Pois de toda essa fabrica, que devia ser grandiosa, nem uma só aduela, nem um capitel, nem uma base, nem um fuste de columna utilmente aproveitado n'essas tantas e tão variadas obras, alli posteriormente realisadas!

Mas seriam as naves uma ligeira construcção de tijolo e estuque? Ainda assim estes mesmos materiaes valiosos pela sua grande quantidade deveriam apparecer-nos aqui ou além, quer dispersos quer utilizados n'um edificio de tão vasta e variada fabrica. Pois nem um só indício!

Dos monumentos escriptos tambem alguma cousa se colhe comprovativa do nosso asserto.

A capella-mór é, como dissemos, obra levantada no seculo xv. As paredes lateraes da igreja, actualmente existentes, já eram paredes no seculo xvi; pois que o altar de S. Gualter, que se encosta a uma d'ellas, já era altar com sepulturas dos paes e avós do instituidor Simão de Mello em 1571.

Portanto os fundadores das capellas absidaes aproveitaram, como puderam, o espaço comprehendido entre esta e o termo das paredes lateraes, sem se lembrarem de naves.

Do livro das sepulturas existente n'esta igreja, creado em 1775, depreheende-se com toda a probabilidade, que estas sepulturas eram já em 1551 e 1582 numerica e ordinalmente as mesmas de hoje; e porisso não podiam dar lugar ao assento de oito bases d'arcos.

O padre Torquato d'Azevedo, tão minucioso na descripção d'esta igreja e que d'ella escreveu pelo meado do seculo xvii, diz-nos, que ella era atravessada com tres arcos de pedra grandes — dos lateraes ainda ha vestigios — que lhe formavam o cruzeiro, e falla-nos igualmente do formoso arco, que ainda hoje sustenta o côro. Estes arcos do cruzeiro e côro são sem duvida obra de valiosa importancia, e sendo o nosso curioso escriptor minucioso até á prolixidade e calando a historia da sua construcção e o nome dos seus constructores dá-nos licença de suppôr, que taes arcos já então eram antigos; e oppon-

do-se o do côro á construcção das naves, quando existiram estas?

O author da *Historia Serafica*, fr. Manoel da Esperança, escrevendo igualmente no meado do seculo xvii, diz-nos que este templo *era d'uma só nave, e com demasia largo; mas FABRICADO n'esta fórma para que ficando desabafado, pudesse recolher parte da gente, por ser tanta nos officios divinos, que tambem não cabia no alpendre, posto que é muito grande.*

Se não existiam as tres naves no seculo xv, nem no xvi, nem no xvii, quando existiram *alli?* Portanto, além da improbabilidade das tres naves *n'aquelle recinto*, não sabemos de monumentos escriptos, historicos nem tradicionaes, nem de vestigios, que nos authorisem a suppol-as.

P.<sup>o</sup> FERREIRA CALDAS.